

Sophia de Mello Breyner Andresen

# ILHAS

prefácio de  
Fátima Freitas Morna

ASSÍRIO & ALVIM



Sophia de Mello Breyner Andresen fotografada por João Cutileiro

Surgido no final dos anos oitenta, quarenta e cinco anos depois da recolha que, sob o título paradigmático de *Poesia*, criou para a sua autora um lugar na literatura portuguesa sempre em expansão ao longo da segunda metade do século passado, o livro que agora se reedita tem o especial interesse de condensar nas suas escassas páginas, em meia centena de textos, algumas das linhas fundamentais do universo de Sophia de Mello Breyner Andresen, permitindo a um leitor que, por hipótese, começasse aqui o seu percurso no interior desse universo, apreender-lhe facilmente as regras e as rotas para a viagem.

Começemos pelas balizas cronológicas. Sendo o poema mais antigo datado de 1959 — o «Tríptico ou Maria Helena, Arpad e a pintura», que aparece em segundo lugar — e os mais recentes de 1988 — um deles, «Landgrave ou Maria Helena Vieira da Silva», no qual é perceptível uma leitura efrástica da tela de 1966 da pintora — o conjunto de textos reunidos em *Ilhas* desenha um arco cronológico entre os anos 60 e 80, o que significa, *grosso modo*, em termos da publicação da poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen, entre as primeiras edições de *Mar Novo* (1958) e *Navegações* (1983). Sem pretender reduzir a diversidade de tudo quanto engloba um período tão fértil na sua obra como aquelas décadas, é

todavia assinalável a ostensiva ligação entre momentos diferentes de um mesmo percurso, convergindo num presente sempre provisório mas irradiante. O exemplo poderia ser o dos dois poemas citados que, lidos nesta perspectiva, como que relatam dois momentos de um longo contacto entre a obra das duas mulheres, um que capta a pintura ainda em curso e o outro que, à distância do tempo, capta a leitura poética de uma obra da pintora.

Reforça-se assim um efeito que mesmo a leitura mais desprevenida desta poesia apreende: trata-se de um universo construído em ecos e diálogos, cujo visceral dinamismo reside precisamente na capacidade de se reconstruir sempre a partir dos mesmos sólidos alicerces, como que com os mesmos materiais, muito poucos aliás mas, por isso mesmo, de uma essencialidade a toda a prova. Um universo no qual se vislumbra a perfeita coincidência entre o princípio e o fim de um círculo no interior do qual as coisas recebem o seu nome.

É de resto comum usar termos como perfeição, claridade ou esplendor para caracterizar a obra de Sophia de Mello Breyner Andresen, talvez porque a inibidora fronteira entre a utilização da linguagem para falar de poesia e a poesia ela própria seja, no seu caso, quase inexistente, produzindo aquele efeito, tão novo e tão antigo, que só raríssimos poetas realizam ao tornar simples, apreensível e comunicável o ser e o sentido da nomeação, a razão pela qual associamos o verbo poético e a criação.

Se, como diz o texto que encerra este volume, «não há poesia sem silêncio», podemos talvez ler *Ilhas* como uma espécie de roteiro de viagem entre pedaços de um todo, ver-

dadeiras ilhas de sentido, fragmentos de voz recortados no majestoso silêncio que as funda e envolve. Porque a qualidade radical desta poesia, que tão sensível se torna à mais simples leitura, deriva precisamente da transparência com que revela o seu fundamento: «[...] toda a minha vida tentei escrever esse poema imanente», aquele que se confunde com «a respiração das coisas, o nome deste mundo dito por ele próprio», para usar os termos da fábula exemplar em que Sophia de Mello Breyner Andresen condensa o essencial do seu percurso e a que deu o título de «Arte Poética V».

Contemporânea da organização deste volume, já que data de Dezembro de 1988 (altura em que, como é indicado, foi lida em Paris), esta Arte Poética insere-se numa sequência que a numeração traduz, na dispersão pontual, ao longo da obra da autora, de textos que assinalam o cruzamento da poesia com a consciência que o seu fazer implica, o «mestiere» ou saber de ofício tão certamente assinalado por um dos grandes leitores e tradutores de poesia portuguesa do século XX, Carlo Vittorio Cattaneo, ao apresentar a poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen aos leitores italianos («Introduzione» in *Il nome delle cose*. Roma: Fogli di Portucale, 1983, p. 8).

Entre outras vantagens, a estratégica colocação da «Arte Poética V» no final desta recolha permite desenhar nela um perfeito círculo, já que os versos que encerram o texto — e, bem entendido, o livro também — são, embora com uma assinalável variante, os de «Epidauro 62», o primeiro dos «Poemas reencontrados» que constituem o núcleo inicial desta colectânea. Através de um daqueles processos de suprema simplicidade e eficácia que abundam na obra de Sophia

## EPIDAURO 62

Oiço a voz subir os últimos degraus  
Oiço a palavra alada impessoal  
Que reconheço por não ser já minha

TRÍPTICO OU MARIA HELENA,  
ARPAD E A PINTURA

I

Eles não pintam o quadro: estão dentro do quadro

II

Eles não pintam o quadro: julgam que estão dentro do quadro

III

Eles sabem que não estão dentro do quadro: pintam o quadro

*1959*

## GLOSA

*«Dá a surpresa de ser  
É alta de um loiro escuro»*

Fernando Pessoa

Dá a surpresa de ser  
É alto de um loiro escuro  
Faz bem só pensar em ver  
Seu gesto firme e seguro

Tem qualquer coisa de mastro  
Tem qualquer coisa de sol  
Saber que existe sossega  
Como no mar o farol

Há qualquer coisa de rude  
Em sua beleza extrema  
Como saber a crueza  
Que há no dentro do poema

Tem qualquer coisa de limpo  
Apetece como o sal  
Espanta que seja real  
Sua perfeição de Olimpo

Há qualquer coisa de toiro  
Na largura dos seus ombros  
Navegam brilhos e assombros  
No obscuro do seu loiro

1968 (?)

FRAGMENTO DE «OS GRACOS»

«.....»

Os ricos nunca perdem a jogada  
Nunca fazem um erro. Espiam  
E esperam os erros dos outros  
Administram os erros dos outros  
São hábeis e sábios  
Têm uma longa experiência do poder  
E quando não podem usar a própria força  
Usam a fraqueza dos outros  
Apostam na fraqueza dos outros  
E ganham

Tecem uma grande rede de estratagemas  
Uma grande armadilha invisível  
E devagar desviam o inimigo para o seu terreno  
Para o sacrificar como um toiro na arena

«.....»

(*Os Gracos*, I Acto, II Cena, 1968)